

A DIMENSÃO SOCIOESPACIAL DO TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO NA OBRA *SOLITÁRIA*¹

Ana Paula Melo da Silva²

Damiana Pereira de Souza³

RESUMO

Neste texto buscamos pensar a dimensão socioespacial do trabalho doméstico na obra literária *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. A partir da constatação de consonâncias da obra com estudos intelectuais-ativistas, tratamos dos lugares sociais e espaciais de mulheres negras nesta ocupação a partir da trajetória socioespacial das personagens Eunice e Mabel. Como procedimento metodológico, realizamos um levantamento e análise bibliográfica da obra e de outros estudos dedicados a temas como trabalho doméstico remunerado, literatura negra e relações raciais e de gênero, assim como dados do PNAD Contínua (2019) sobre o perfil e as condições de trabalho de empregadas domésticas no Brasil. Inicialmente abordamos aspectos gerais da obra, bem como as motivações para sua discussão neste trabalho. Em seguida buscamos traçar paralelos desta com os estudos sobre segregação socioespacial, ambiguidade na relação entre patroas e empregadas, espacialidade limitada de trabalhadoras, insegurança e exploração laboral, políticas de ações afirmativas na educação, entre outros. Por fim, salientamos a importância da escrita de mulheres negras para a compreensão e registro das experiências e espacialidades desse grupo, assim como para a construção de perspectivas afirmativas desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Solitária, Literatura Negra, Trabalho Doméstico Remunerado, Mulheres Negras, Geografia.

RESUMEN

En este texto buscamos pensar la dimensión socioespacial del trabajo doméstico en la obra literaria *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. A partir de la observación de las consonancias de la obra con los estudios intelectuales-activistas, abordamos los lugares sociales y espaciales de las mujeres negras en esta ocupación a partir de la trayectoria socioespacial de los personajes Eunice y Mabel. Como procedimiento metodológico, realizamos un levantamiento bibliográfico y análisis de la obra y otros estudios dedicados a temas como el trabajo doméstico remunerado, la literatura negra y las relaciones raciales y de género, así como datos de la PNAD Continua (2019) sobre el perfil y condiciones laborales de las trabajadoras domésticas en Brasil. Inicialmente abordamos aspectos generales del trabajo, así como las motivaciones para su discusión en este trabajo. Luego buscamos establecer paralelismos con estudios sobre segregación espacial, ambigüedad en la relación entre empleadores y empleados, espacialidad limitada de los trabajadores, inseguridad y explotación laboral, políticas de acción afirmativa en educación, entre otros. Finalmente, destacamos la importancia de la escritura de mujeres negras para comprender y registrar las experiencias y espacialidades de este grupo, así como para construir perspectivas afirmativas sobre estos sujetos.

¹ Parte das reflexões abordadas aqui compõe a pesquisa de Doutorado em Geografia desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Financiado pela FAPEG.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).
Email: anapaula4@discente.ufg.br

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).
Email: damiana.pereira@discente.ufg.br



PALABRAS-CLAVE: Solitária, Literatura negra, Trabalho doméstico remunerado, Mulheres negras, Geografia.

INTRODUÇÃO

Publicado em 2022, o livro *Solitária*, de Eliana Alves Cruz, traz uma narrativa sensível sobre a vida de duas personagens negras: a empregada doméstica Eunice e sua única filha, Mabel. A atmosfera densa de suas vidas cotidianas, da cobertura em um condomínio de luxo à periferia, é registrada em diálogo com temas como ações afirmativas, segregação socioespacial, direitos reprodutivos, entre outros. Dentre muitas consonâncias dos estudos acadêmicos-ativistas com o literário realizado por Cruz (2022) destaca-se a compreensão da necessidade de um retorno analítico ao período colonial, o que sinaliza a coexistência de passado e presente no trabalho doméstico remunerado exercido por mulheres negras. Além desses pontos, outro nos chama a atenção: a dimensão espacial dessa ocupação e das relações permeadas por ela.

O trabalho doméstico remunerado é a ocupação com maior concentração de mulheres no Brasil (IPEA, 2019). Marcado por profunda exploração e desassistência, este é também, para além da dimensão de gênero e classe, um espaço racializado (ABREU, 2021), compreensão obtida a partir dos dados que apontam que das 5,7 milhões de trabalhadoras, 3,9 milhões são mulheres negras (IPEA, 2019). Esta atividade e seus sujeitos foram abordados nos estudos de intelectuais negras como Lélia Gonzalez (1984; 2020), Beatriz Nascimento (2021a; 2021b), Sueli Carneiro (2020a; 2020b), Cida Bento (1995; 2022), Juliana Teixeira (2021), entre outras. Neste aspecto, é importante sublinharmos que a escrita de mulheres negras reposiciona esses sujeitos nas interpretações, visto que parte significativa das interpretações sobre a ocupação estava à luz somente das categorias de gênero e classe, sem considerar que o marcador raça é um importante definidor das posições e condições de trabalho (SILVA; RATTIS, 2023). Para além da escrita acadêmico-ativista, atualmente observamos a construção de um repertório dessas discussões também em obras literárias escritas por mulheres negras.

Compreendendo as possibilidades de abordagem, neste escrito temos como objetivo abordar, na obra *Solitária* (CRUZ, 2022), elementos que possibilitam uma análise socioespacial do trabalho doméstico remunerado.

O presente texto se estabelece através dos parâmetros da pesquisa qualitativa. Para seu desenvolvimento realizamos um levantamento e análise bibliográfica sobre os temas tratados, como trabalho doméstico remunerado, literatura negra, relações raciais e de gênero, entre outros. A utilização de dados quantitativos também se mostrou fértil para o estudo, deste modo utilizamos de estudos realizados pelo IPEA/IBGE através da metodologia do PNAD contínua (2019) sobre o perfil e condições de trabalho de empregadas domésticas no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na ciência geográfica o diálogo da Geografia com a Literatura é um campo já consolidado. Ainda que seja uma relação de longa data, a proximidade com narrativas literárias negras ainda é recente (QUEIROZ, 2017), mas já anuncia o campo de possibilidades que oferece, como salientado por Ana Maria Martins Queiroz (2017, p. 52), que afirma que “[...] a aproximação entre a Geografia e a literatura para a discussão das relações étnico-raciais e de gênero pode ser entendida como a ampliação dos horizontes teórico-metodológicos de ambas as áreas”. Atualmente diversas geógrafas se dedicam a ampliar essa discussão (GUIMARÃES, 2020; QUEIROZ, 2017; RODRIGUES, 2018), e possibilitam a construção de diferentes formas de analisar e interpretar o espaço.

Queiroz (2017), no trato da escrita de mulheres negras, afirma que

Essas escritas podem trazer denúncias da discriminação e das desigualdades que as afetam em diferentes contextos socioespaciais, mas, ao mesmo tempo, elas desconstruem os discursos que tentam lhes impor um lugar de subordinação e opressão. A escrita desses sujeitos se insere no contexto da literatura negra que procura evidenciar a vida da população negra, tanto homens quanto mulheres, por isso se trata de um campo diferenciado no contexto das escritas literárias nacionais (QUEIROZ, 2017, p. 48)

Como destacado por Queiroz (2017), salientamos que esta é uma importante característica da obra tratada neste escrito, em que é observada uma importante narrativa sobre os conflitos, dinâmicas e desdobramentos de relações estruturadas pela tríade raça, gênero e classe. De mesmo modo, há também um imprescindível registro das redes de afeto, das estratégias de melhoria da condição de vida, bem como a uma marcante dimensão espacial que extrapola a esfera do cenário e se torna constituinte incontornável da experiência dos sujeitos.

Solitária: o espaço e o sujeito

A obra *Solitária*, publicada no ano de 2022 pela autora Eliana Alves Cruz, é um romance dividido em três partes, sendo a primeira narrada pela personagem Mabel, a segunda por Eunice e a terceira, intitulada de Solitárias, de maior interesse neste escrito, narrada pelos ambientes domésticos. De início, chama a atenção a obra ter os subcapítulos intitulados como os cômodos e alguns outros espaços vivenciados por essas, como área de serviço, banheirinho, cozinha e portaria.

As trajetórias socioespaciais das personagens principais é tratada com significativo detalhamento na obra. A noção de trajetória utilizada aqui permite compreender tanto os deslocamentos espaciais desses sujeitos quanto as dinâmicas e demais processos que permeiam seus cotidianos (SOUZA, 2017). Colocando em constelação uma miríade de experiências cotidianas de mulheres negras que têm suas vidas permeadas pelo trabalho doméstico remunerado, surgem temas relevantes que são abordados, também, em estudos acadêmicos-ativistas.

A exemplo de temas, a obra aborda o cotidiano de uma empregada doméstica residente e sua filha, e nela a criança é tida como uma “ajudante grátis” (CRUZ, 2022, p. 44) e salienta ainda a interrupção da infância, como registrado no seguinte trecho, narrado pelo quarto da empregada: [...] É curioso reparar como algumas pessoas nesse mundo não têm direito à meninice. Quando ainda mal se sustentam em cima das pernas, são vistas como adultas; enquanto outras serão para sempre garotas e garotos. Em geral as primeiras frequentam quartinhos como eu” (CRUZ, 2022, p. 144). O destaque a esse trecho se dá pela consonância dessa com a compreensão do impacto intergeracional dessa atividade socioeconômica, como observado na solidão dos filhos de empregadas domésticas e/ou sua participação prematura como ajudante de suas progenitoras no trabalho, o que é tratado nos estudos de Angélica Abreu (2021, p. 60):

Os filhos das empregadas domésticas carregam na descendência a característica de extensão e continuidade da desvalorização e rebaixamento da dignidade humana. As marcas na subjetividade destas mulheres e de seus filhos são latentes. O peso do preconceito, do desprezo e da ausência de reconhecimento reverbera nas histórias individuais e coletivas de uma categoria permeada por discriminação e humilhação.

Na obra são tratados também outros temas que dialogam com o que vem sendo discutido em outras frentes, como o trabalho análogo à escravidão⁴, dificuldade de formalização de vínculo empregatício (BENTO, 2022), como, por exemplo, a própria dilação

⁴ A exemplo da proximidade da narrativa com os dados da ocupação, de acordo com o Ministério de Trabalho e Previdência, de 2017 a 2021, 38 trabalhadoras domésticas foram resgatadas em situação de trabalho análogo à escravidão no Brasil. Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2022/04/04/trabalhadoras-domesticas-em-situacao-analoga-a-escravidao-no-brasil-ate-quando/> Acesso em 01 out 2023.

na regulamentação das relações trabalhistas para o trabalho doméstico remunerado, que ocorreu somente após 70 anos da criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), se apresenta enquanto indicativo inicial do cenário de desproteção e defasagem deste grupo (BENTO, 2022), expondo, através do reconhecimento tardio e da informalidade característica da atividade, a insegurança laboral, social e econômica a qual esses sujeitos se encontram, ainda, submetidos (ABREU, 2021). Aparecem ainda temas como trabalho infantil (PRETARRARA, 2019) e a concentração de mulheres negras na ocupação (IPEA, 2019).

Na última seção, *Solitárias*, os cômodos deixam de representar somente o cenário das relações e são personificados, descrevendo as cenas do cotidiano de exploração vivenciado pelas personagens principais. Esta parte do livro, subdividida em Quarto de Empregada; Quarto de Porteiro; Quarto de Hospital e Quarto de Descanso, se torna ainda mais nítida a espacialidade limitada e/ou condicionada da empregada doméstica e de sua filha.

A dimensão espacial do trabalho doméstico remunerado, que, como destacado, aparece de modo mais enfático na última seção da obra, ainda é um campo com vasta possibilidade de discussão.

Na obra de Cruz (2022) estas divisões e delimitações são amplamente tratadas, como é possível observar no seguinte trecho, narrado pelo quarto da empregada Eunice:

Levei um tremendo susto quando ouvi a voz de Eunice na cozinha. Quanto tempo! Minhas paredes tremeram, pois foram muitos anos velando o sono dela e de sua filha Mabel. Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos vivos. Sou tão pequeno... mas sei também que consegui abrigá-la como nenhum outro cômodo da casa. Por estar muito consciente disso, a voz de Eunice me encheu de alegria e saudade, mas igualmente de melancolia (CRUZ, 2022, p. 139).

Ao desdobrar as camadas do trabalho doméstico com prosa assertiva e sensível a obra permite ampliar a compreensão de sua espacialidade. Espaço público, espaço privado, corporeidade, itinerários do transporte público, elevador de serviço, quarto de empregada, condomínios fechados, periferia, deslocamentos. Nas narrativas da obra estão presentes noções como segregação espacial, expondo a disparidade entre os diferentes sujeitos e espaços percorridos. A exemplo, a interpretação de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982) nos possibilita visualizar com nitidez os espaços definidos para os grupos:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos —habitacionais (cujos modelos são os guetos



dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 15).

Afunilando a perspectiva, as considerações de Antônia Garcia (2012) sobre mulheres negras empregadas domésticas e o espaço urbano embasam nossas compreensões acerca da espacialidade desse grupo:

Do ponto de vista espacial é sabido que trabalhadoras domésticas, quando não vivem na casa dos(as) patrões(as), em quartinho de empregada (cada vez mais minúsculo), moram com suas famílias em bairros populares e/ou favelas com grandes carências de serviços públicos, onde fazem deslocamentos diários usando serviços precários de transporte coletivo para os bairros médios e ricos que lhes custam recursos e tempo de trabalho não pago (GARCIA, 2012, p. 150).

Nesta perspectiva, a compreensão da autora sinaliza dois aspectos de nosso interesse: a interseccionalidade no trabalho doméstico remunerado e a interseccionalidade na experiência do espaço urbano, seja ele experienciado no espaço público e/ou privado.

Pensando mais atentamente o espaço privado, análises como as realizadas por Alex Ratts (2003) e Edite Carranza (2005) apontam as condições domésticas e as mudanças ocorridas nas habitações desde as construções coloniais até as atuais. O estudo de Sueli Kofes (2001) apresenta a planta de uma residência em um condomínio, sendo possível observar a existência de espaços para uso exclusivo da trabalhadora doméstica, como é o caso de banheiro da empregada, localizado na área externa da casa.

Discussões mais recentes, como a realizada por Pena (2020), apontam que as dimensões reduzidas dos espaços destinados às trabalhadoras, comumente chamados de quarto de empregada, quarto de serviço ou dispensa, ainda são comuns em condomínios de luxo no Brasil, o que pode ser constatado, também, em *Domésticas: o filme* (OLIVAL; MEIRELES, 2001), em que o espaço “habitado” por esses sujeitos, por vezes, é também onde ficam armazenados os móveis e demais objetos sem uso no momento, o que torna ainda mais limitado e insuficiente o espaço de descanso, cuidado e intimidade dessas mulheres. Neste aspecto, salientamos também a reduzida, ou até mesmo ausente, iluminação e ventilação dos cômodos destinados às trabalhadoras

A exemplo do que foi realizado por Pena (2020), em concordância também com outras questões que aparecem na obra, podemos utilizar a planta baixa de um apartamento de luxo em Recife/PE para sinalizar o espaço destinado a trabalhadora nesses ambientes.

Figura 1: Planta baixa do pavimento com dois apartamentos por andar no Edifício Píer Maurício de Nassau, Recife-PE. Destaques para os quartos de empregada de cada unidade.⁵



Fonte: adaptado do anúncio de apartamento no Edifício Píer Maurício de Nassau. Disponível em <https://bit.ly/nassaurecife>. Acesso em 01 out. 2023.

Na imagem acima é possível observar a localização do chamado “quarto de serviço”, local reservado para a permanência da trabalhadora doméstica. Atentemos ao fato do quarto estar localizado na mesma região de cômodos como copa, cozinha, área de serviço, hall de serviço e, ainda, elevador de serviço. Essa configuração é ilustrativa quanto aos espaços destinados aos sujeitos, tanto para sua permanência quanto circulação.

A obra aborda também importantes detalhes cotidianos que permeiam as relações entre patrões, empregadas e seus filhos, como a raiva, a solidão, o medo, a indignação por sua condição, sinalizando a “proximidade física e distanciamento simbólico” (TEIXEIRA, et al; 2015, p. 161) existente entre patrões e empregadas domésticas. A interpretação dessas relações também são observadas na literatura internacional, como vista em Patrícia Hill Collins (2019), que salienta a ambiguidade desses vínculos, nos possibilitando compreender a contradição na exigência de que a trabalhadora esteja presente e desempenhe das atividades básicas às mais elaboradas, no mesmo momento em que deve ser invisível, como uma parte sempre presente, mas não perceptível da paisagem. De mesmo modo, a autora nos atenta para o fato de, apesar de ser considerada “como da família”, a própria demarcação dos espaços em que a presença desse sujeito é aceita e/ou tolerada, a separação de utensílios, bem como o uso

⁵ A planta corresponde aos apartamentos do condomínio de luxo onde residia Sari Cortes Real, ré no caso Miguel, criança negra de 05 anos, filho da, então, empregada doméstica Mirtes Renata. Miguel foi abandonado pela patroa de sua mãe no elevador de serviço e morreu após cair do 9º andar do edifício, localizado em Recife/PE, em junho de 2020, durante a pandemia da COVID-19.

de uniformes que a diferença dos demais sujeitos no ambiente sublinham a o distanciamento desses sujeitos, ainda que existam laços, contraditórios, de afeto. Nesta discussão, cabe considerar ainda que a existência dessas relações afetivas pode ser, por vezes, utilizada para maior exploração das trabalhadoras e infração de seus direitos trabalhistas (PINHEIRO; et al, 2021).

Por fim, destacamos uma característica importante da escrita de mulheres negras: a negação da redução de suas trajetórias a uma única narrativa de sofrimento e desamparo. A escrita de Eliana Alvez Cruz, mas também de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Leda Martins, entre outras importantes escritoras tanto da literatura quanto de demais escritos acadêmicos-ativistas, reserva um importante espaço para narrar também um repertório de estratégias. Redes de solidariedade, as relações de afeto, as práticas de lazer, as mobilizações cotidianas por melhores condições de vida também são retratadas na obra. Ou seja, Para além da abordagem da exploração vivenciada por esses personagens, que na ficção narram as experiências reais de um grupo, a obra trata também suas práticas de emancipação e seus – reduzidos, mas importantes – espaços de pertencimento, possibilitando uma importante perspectiva afirmativa (GUIMARÃES, 2020) desses sujeitos.

A exemplo do afirmado, podemos observar o acesso à educação que Eunice não teve, mas que somou esforços para proporcionar a sua filha Mabel. Nesta abordagem a autora sublinha a importância das políticas de ações afirmativas de democratização do ensino. Os resultados desses acessos também podem ser observados nos dados sobre o trabalho doméstico no Brasil, que apontam a diminuição no número de mulheres jovens na ocupação, em parte, devido ao maior acesso a escolaridade (IPEA, 2019). Esse trato também se dá no ensino superior, com Mabel cursando medicina e proporcionando a sua mãe sair do “quarto de despejo”, em referência à obra de Carolina Maria de Jesus (1960) e viver no “quarto de descanso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo breve da abordagem realizada buscamos apontar alguns elementos que possibilitam pensar a dimensão socioespacial do trabalho doméstico remunerado assim como aspectos da trajetória socioespacial dos seus sujeitos em *Solitária* (CRUZ, 2022). Acreditamos que a obra se apresenta como um importante registro de uma atividade ainda marcada por precariedade, desassistência e exploração, e a abordagem desta a partir da

literatura possibilita a ampliação do debate de padrões históricos de exploração e as experiências de trabalho de mulheres negras. Por fim, ressaltamos que mesmo Cruz (2022) e demais autoras/es abordados não terem desenvolvido seus estudos no campo da Geografia, seus escritos são de suma importância para compreender a espacialidade do trabalho doméstico remunerado no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Angélica Kely de. **Trabalho Doméstico Remunerado: Um espaço racializado**. In: IPEA. *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade : dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil*. – Brasília: IPEA; OIT, 2021. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466/15036> Acesso em 30 jan 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A Mulher Negra no Mercado de Trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, jan. 1995, p. 479-488. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466/15036>. Acesso em 19 jun 2022.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

CARRANZA, E. G. O Quartinho de Empregada e a Tradição. **Arquitetura + Arte**, ano 1, v. 4, n.4, 2005. Disponível em: <http://revista5.arquitetonica.com/index.php/magazine-1/arquitetura/o-quartinho-de-empregada-e-a-tradicao> Acesso em 02 nov 2023.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de Uma Vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2020a. p. 13-59.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça na Sociedade Brasileira. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de Uma Vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2020b. p. 150-184.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DOMÉSTICAS: o filme. Produção de Nando Olival e Fernando Meirelles. São Paulo: O2 filmes, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DkT8janXCqo> Acesso em 11 fev 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. E a Trabalhadora Negra, Cumé que Fica? In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia (org.); LIMA, Márcia (org.). **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 217-219.

GUIMARAES, Geny Ferreira. Geo-Grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da ABPN**. v. 12, n. Ed. Especial – *Caderno Temático: “Geografias Negras”* • abril de 2020, p. 292-311. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/866> Acesso em 27 abr 2023.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua. **Textos para Discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960. 173p.

KOFES, Suely. **Mulher, Mulheres**: identidade, diferença e desigualdade entre patroas e empregadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

NASCIMENTO, Beatriz. A Mulher Negra e o Mercado de Trabalho. *In*: NASCIMENTO, Beatriz; RATTTS, Alex (org.). **Uma História Feita por Mãos Negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a. p. 55-61.

NASCIMENTO, Beatriz. A Mulher Negra e o Amor. *In*: NASCIMENTO, Beatriz; RATTTS, Alex (org.). **Uma História Feita por Mãos Negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b. p. 231-235.

PENA, João Soares. O Quarto de Empregada e a Morte de Miguel. **Revista Epistemologias do Sul**. v. 3 n. 1 (2019): Giro decolonial I: Artes visuais, arquiteturas e visualidades. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2445> Acesso em 16 de out 2023.

PINHEIRO, Luana; et al. **Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI**: Reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua – Brasília: IPEA; OIT, 2021.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **Geo-grafias Insurgentes**: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

RATTTS, Alecsandro J. P.. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no **XX Encontro Nacional da ANPOCS**, Caxambu-MG, out. 2003.

SILVA, A. P. M. da; RATTTS, A. A Mulher Negra e o Trabalho Doméstico nas Perspectivas de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 189–207, 2023. DOI: 10.35701/rcgs.v25.899. Disponível em: [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/899](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/899). Acesso em: 20 ago. 2023.

SOUZA, Lorena Francisco de. **Corpos Negros Femininos em Movimento**: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho Doméstico**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo : Jandaíra, 2021. 248p.